

UM POUCO DE MÚSICA

UMA ÓPERA SOBRE PALESTRINA

Uma recente audição da grande ópera *Palestrina*, de Hans Pfitzner, levou-nos a recordar alguma coisa da vida e obra desse compositor alemão, nascido em 1869 e falecido em 1949 e sobre o qual esta publicação já estampou uma nota, precisamente por ocasião de seu centenário (nº 8, nov./dez. de 1969). Fora de seu país e fora dos círculos ligados diretamente à música, seu nome é praticamente desconhecido. Era filho de um casal de músicos que viveu algum tempo na Rússia. Tanto que foi em Moscou que nasceu. Menino de apenas dez anos, acompanhou seus pais no retorno à Alemanha, e foi em Frankfurt-sobre-o-Oder que realizou sua excelente formação musical. Uma vez diplomado, lecionou em Coblentz, passando, a seguir, a Berlim, Strassburg e Munich, onde veio a falecer, internado num asilo, por absoluta falta de recursos. Estranho, para quem tanto fez e tanto produziu. Óperas, cantatas, sinfonias, concertos, sonatas, canções e música de câmara constituem rico acervo, nada de se desprezar, mas praticamente esquecido em nossos dias.

Em 1917, viu encenada em Munich, sob a direção do grande regente Bruno Walter, sua maior obra, a ópera *Palestrina*. Ao tomar como tema de uma ópera a figura grandiosa de Palestrina, o maior vulto da música sacra do Renascimento, Hans Pfitzner enfocou um episódio que se sabe hoje lendário, mas tido por verdadeiro na época em que a ópera foi composta: a presença de Palestrina no Concílio de Trento a fim de salvar a música sacra, que o Concílio, devido aos abusos correntes desde os fins da Idade Média, tomara a iniciativa de abolir. Profundamente emocionados após ouvirem uma das missas de Palestrina, os padres conciliares modificaram sua decisão e, assim, a música na Igreja Católica, em vez de totalmente eliminada, foi apenas disciplinada. De acordo, pois, com essa tradição, Palestrina teria salvo da música sacra católica. Este episódio constitui o momento mais importante da ópera de Hans Pfitzner. Como se afirmou, sabe-se hoje que essa tradição nada tem de real, mas era corrente até há poucos anos, como se pode verificar em alguns livros sobre história da música.

Pfitzner não tem sido muito beneficiado pelo disco. É verdade que a ópera *Palestrina* recebeu um belíssimo tratamento discográfico. Mas, das outras conhecem-se apenas as aberturas. Dele, há ainda em discos duas

ou três sinfonias e algumas canções, mas tudo isto em gravações muito antigas, já inteiramente retiradas de catálogo. E nada reimpresso no Brasil, o que vem dificultar ainda mais o conhecimento da obra do compositor. Freqüentador assíduo de concertos durante mais de trinta anos na capital paulista, nunca tivemos o prazer de ouvir qualquer obra de sua autoria executada "ao vivo". Nosso conhecimento do compositor, como, aliás, de tantos outros, restringe-se ao disco, e ainda em proporção muito pequena. ONM